

REVISTA PALAVRA VIVA nº 97

CRISTO EM NÓS

Lição 1

O Pai e a espiritualidade responsiva

Respondendo ao Deus de amor

João 4.13-24

4.16-18 *Vai, chama teu marido.* Tendo conquistado sua atenção, ele colocou o dedo em sua consciência para revelar seus pecados e sua necessidade de salvação.

4.19 *Profeta.* Ela percebeu que ele tinha conhecimento sobrenatural da sua vida (v. 29). Sua consciência foi ativada e ela passou para o nível de conversa espiritual.

4.20 *Neste monte.* O Monte Gerizim, durante muito tempo o local do templo samaritano.

4.21 *A hora vem.* A vinda de Cristo trouxe a plenitude do tempo (Gl 4.4) e, por meio dele, Deus estava começando a realizar seu plano de atrair as nações para a adoração verdadeira. *Nem em Jerusalém.* O templo e a lei cerimonial estavam se tornando obsoletos, pois o templo verdadeiro havia vindo em Cristo (1.14; 2.21).

4.22 *Adorais o que não conheceis.* Enquanto os samaritanos aceitavam os cinco livros de Moisés, sua rejeição do restante do Antigo Testamento os levou a adorar de maneira inaceitável a Deus.

4.23 *Adoração o Pai em espírito e em verdade.* A adoração verdadeira ocorre quando o Espírito Santo leva o espírito humano a interagir com a Palavra de Deus. A adoração externa que caracterizava o templo da antiga aliança estava sendo substituída pela simplicidade e pelo privilégio de acesso ao *Pai* no Espírito por meio da fé no Filho (Ef 2.18,21-22).

4.24 *Deus é espírito.* (cf. 1Jo 1.5; 4.8,16.) O ser de Deus não é material ou preso a um local físico, mas é vida infinita, eterna e pessoal (Is 31.3).

Bíblia de Estudo Herança Reformada

4.13 tornará a ter sede. Jesus contrastou a satisfação temporária com a eterna, ensinando que todos os prazeres terrenos, ainda que legítimos, desaparecem.

4.14 que eu lhe der. Expressa a origem divina dessa bênção. **Uma fonte a jorrar.** Enfatiza a sua abundância. **vida eterna.** Enfatiza a sua duração sem fim e de excelente qualidade.

4.18 cinco maridos já tiveste. O conhecimento de Jesus sobre a vida da mulher samaritana lembra o que ele havia demonstrado a respeito de Natanael (1.48).

4.20 Nossos pais adoravam neste monte. Os detalhes e datas são incertos, mas depois que Samaria foi conquistada pela Assíria (722 a.C.) houve uma divisão entre os judeus da Samaria e os de Jerusalém. Os samaritanos construíram um templo no monte Gerizim, que foi destruído por volta de 130 a.C. Eles continuaram a adorar nesse monte mesmo depois da destruição do templo.

4.21-24 Veja *Catecismo de Heidelberg (CH)* 80.

4.21 Veja *Confissão de Fé de Westminster (CFW)* 21.6.

4.22-24 Veja *CH* 117.

4.22 Veja CFW 10.4; 20.2; CM 60.

4.23-24 Veja CFW 21.6; CH 96.

4.23 Mas vem a hora e já chegou. Veja 5.25. Durante o ministério terreno de Jesus e antes de sua morte e ressurreição, havia uma tensão em relação ao fato de que o reino de Deus e suas bênçãos já haviam chegado em parte, mas que essas bênçãos ainda não haviam se manifestado completamente. Na verdade, há aspectos do reino que não foram realizados nem vão se realizar até a segunda vinda de Cristo. Por outro lado, aquele que havia trazido o reino de Deus já estava presente na terra e havia inaugurado o reino. Veja o artigo teológico “O reino de Deus”, em Mt 4.

4.24 importa que... o adorem em espírito e em verdade. A expressão “em verdade” significa “efetivamente”, isto é, em adoração celestial, da qual a adoração terrena é apenas um tipo. Aqui, Jesus empregou o termo “verdade” no mesmo sentido que Hb 8.2; 9.24. Em Hb 8.2, o “verdadeiro tabernáculo” do céu não é contrastado com um falso, mas com o tabernáculo terreno que foi construído seguindo o padrão celeste. A Jerusalém terrena não era um lugar falso de adoração, mas um lugar terreno; era uma sombra, um tipo, uma cópia da realidade do céu e do culto celestial. Uma vez que Jesus é aquele que reunificou não apenas Deus e o seu povo, mas também a terra e o céu, logo chegaria o momento em que todas as questões sobre o lugar ideal para adorar se tornariam irrelevantes, pois aquilo para o que o templo terreno apontava estava se tornado realidade para o povo de Deus. **espírito.** Refere-se à terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo, aquele que o Antigo Testamento prometeu para o final dos tempos (Jl 2.28-29). Logo, a adoração cristã não está limitada a nenhum local terreno, mas antes se dirige aos céus e é oferecida na plenitude do Espírito Santo. Veja CFW 2.1; CM 7; BC 4; CB 1.

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 2

O Filho e a espiritualidade mediada

Eis o Cordeiro de Deus!

2Coríntios 5.11-21

5.11 *o temor do Senhor.* Viver em profunda percepção de quem Deus é e viver com Deus no centro de todos os seus pensamentos, mesmo a realidade de permanecer diante do trono de juízo de Cristo. Visto que Paulo conhece *o temor do Senhor*, ele persuade *os homens* ao pregarem o evangelho. *Conhecidos por Deus.* Deus conhece todas as coisas, incluindo motivos, ações e pensamentos. Paulo deseja que o povo coríntio o conheça como Deus o conhece.

5.12 *Não nos recomendamos novamente a vos outros.* O desejo de Paulo não era o de focar nele mesmo, mas o de oferecer uma resposta àqueles que continuavam a duvidar de seu ministério.

5.13 *se enlouquecemos (...) se conservamos o juízo.* Alguns consideravam Paulo louco, possivelmente por causa de seu testemunho sobre revelações e visões (12.1). Paulo responde que ele faz tudo para a glória de Deus e para o bem dos outros.

5.14 *o amor de Cristo.* O amor de Cristo por seu povo. O contexto foca no que Cristo fez por seu povo ao morrer e ao ressurgir novamente. O amor de Cristo por ele o compele (*constrange*) a servir.

5.15 *E ele morreu por todos.* Esse “todos” está definido por “os que vivem” espiritualmente por causa da morte de Cristo. Todos aqueles pelos quais ele morreu não vivem *para si mesmos*, mas para Cristo.

5.16 *segundo a carne.* De acordo com os padrões humanos. *se antes conhecemos Cristo segundo a carne.* A partir de uma perspectiva terrena, Cristo é rejeitado e descartado. *já agora não o conhecemos deste modo.* Uma vez que Cristo se apresentara a Paulo na estrada para Damasco, o apóstolo agora o conhecia como ele realmente é: o Filho de Deus (At 9.5,20).

5.17 *em Cristo.* A união com Cristo muda todas as coisas, porque a vinda de Cristo mudou tudo por seu sofrimento, morte, ressurreição e ascensão. Todos os que estão nele gozam vida na nova criação (*nova criatura*), sob a nova aliança (cap. 3).

5.18-20 *tudo provem de Deus.* Deus planejou a redenção. *reconciliou.* Isso salienta a animosidade entre Deus e os homens por causa da rebelião da humanidade, e a paz obtida por Deus por meio da morte e da ressurreição de Cristo (Rm 5.10; Ef 2.14,16). *imputando.* Registrando, como um contador registra débitos e obrigações financeiras (Rm 4.4-8). *Em nome de Cristo, pois, rogamos.* Peço a vocês como representante de Cristo. Espantosamente, o glorioso Senhor pede a pecadores pobres e perversos que se voltem a ele. Os ministros devem representar Cristo em seus sinceros apelos aos homens para que se voltem a ele.

5.21 *Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós.* Deus colocou sobre seu Filho Jesus Cristo, que é sem pecado, o pecado de seu povo, de forma que Cristo foi contado como um pecador. *para que, nele fôssemos feitos justiça de Deus.* Deus considera os pecadores como justos em união com Cristo — a grande troca do evangelho. Cristo assumiu nosso pecado e nós, pela graça e por meio da fé, recebemos a justiça dele (*dupla imputação*).

Bíblia de Estudo Herança Reformada

5.11 o temor do Senhor. Não um terror da condenação eterna, mas um medo saudável e reverente com relação ao descontentamento de Cristo pelas escolhas que fizemos, as “coisas que tiver(mos) feito por meio do corpo” (v. 10). Esse medo teria sido um corretivo saudável para aqueles coríntios que estavam causando problemas para Paulo, e servirá aos mesmos propósitos na vida de muitos cristãos descuidados ao longo da história (veja Pv 1.7; 9.10; 15.33). **cabalmente conhecidos por Deus.** Novamente, uma perspectiva espiritual nem sempre evidente para aqueles neste mundo presente.

5.12 aos que se gloriam na aparência. Isso se refere ao sistema de avaliação do mundo. Era contrário ao de Paulo, um apóstolo verdadeiro que suportava terríveis problemas por dar atenção ao que é invisível e eterno (4.18). Os falsos apóstolos em Corinto (11.13) também eram representantes típicos do estilo de vida do mundo, que se gloriavam na aparência exterior, com base em si mesmos e sendo dirigidos pelos desejos por dinheiro, poder e prestígio. **e não no coração.** Paulo apresentou a escolha encarando aqueles na igreja visível em Corinto que haviam sido influenciados pelos seus inimigos: eles poderiam prestar atenção a coisas externas e desempenhos que satisfizessem padrões meramente humanos, ou eles poderiam olhar para além do exterior, para os conteúdos do coração de Paulo e do coração de seus inimigos. Se eles escolhessem o último, poderiam defender Paulo (“responder aos que”) contra os seus acusadores. O coração de Paulo continha um compromisso sincero por proclamar Cristo sem consideração pelo ganho pessoal.

5.13-15 Veja CM 32,159.

5.13 enlouquecemos. Provavelmente se refere aos momentos de adoração e oração durante os quais Paulo era visto em intensa consciência da presença de Deus. A palavra grega não indica necessariamente total perda da consciência do ambiente por parte da pessoa, porque ela era usada em relação às pessoas que ficavam “admiradas” (Mc 5.42) e “atônitas” (Mc 6.51) diante dos milagres que Cristo fazia; era também usada pelas pessoas para se referirem a Jesus (Mc 3.21). A questão do apóstolo era clara: fosse ocupado em adoração pessoal a Deus ou com o ministério da igreja, Paulo vivia para os outros, e não para obter ganhos pessoais (v. 15). Seus inimigos não poderiam afirmar o mesmo.

5.14 o amor de Cristo. Paulo estava falando aqui do que Cristo havia feito por ele, de modo que essa frase é mais bem-entendida como significando o amor que vem de Cristo (apesar de que, gramaticalmente, ela poderia também significar o amor que os crentes tinham por Cristo). **um morreu por todos.** “Todos” se refere a “todos nós que morreram em Cristo e agora vivemos nele” (veja os vs. 15-17; cf. 4.10-14); ou seja, “todos os crentes”.

5.16 Paulo enfatizou o julgamento espiritual e a percepção espiritual com relação à preocupação para com a vida e as situações de cada pessoa. A experiência do amor de Cristo leva os crentes a deixar de ver os outros segundo os padrões mundanos e a crescerem em sua habilidade de perceber as outras pessoas da perspectiva do grande ato de Deus da salvação em Jesus Cristo. As perspectivas e os valores do mundo não mais importam, uma vez que a participação na nova criação de Deus está disponível para todos que estão em Cristo. **E, se antes conhecemos Cristo.** Quando Cristo era conhecido de um ponto de vista mundano, ele foi rejeitado e crucificado como um blasfemador e rebelde. Porém, da perspectiva divina, Cristo é verdadeiramente o

Messias e o Filho de Deus por meio do qual uma nova criação e reconciliação com Deus nos são dadas.

5.17-21 Veja *CFW* 11.1; *CM* 70; *BC* 23,30,31; *CH* 56,60.

5.17 em Cristo. A união com Cristo resume a nossa experiência de redenção. Os crentes são escolhidos por Deus (Ef 1.4,11), justificados (Rm 8.1), santificados (1Co 1.2) e glorificados (2Co 3.18) “em Cristo” (veja o artigo teológico “A união com Cristo”, em Gl 6). **é nova criatura.** Aqui Paulo enfatiza o significado memorável da união do crente com o salvador. Como o próprio Cristo é o “último Adão” (1Co 15.45), aquele em quem a humanidade é recriada (1Co 15.45; Gl 6.15; Ef 2.10) e que inaugurou a nova época das bênçãos messiânicas (Gl 1.4; cf. Mt 11.2-6), a união espiritual dos crentes com Cristo não é nada menos do que a participação na “nova criação”. Essa expressão também pode ser traduzida “há uma nova criação”, e nesse caso isso pode indicar que a união com Cristo prova que a nova criação foi inaugurada. Veja *CH* 88.

5.18 tudo provém de Deus. Cada mudança que acontece nas pessoas assim que elas entram na nova criação, bem como na própria nova criação, vem de Deus (veja Rm 11.36).

5.20 embaixadores. Paulo usou o termo técnico para o cargo político de alguém que representava um reino para o outro. Ele e os outros apóstolos eram embaixadores num sentido especial, dotado de autoridade, mas todos os cristãos que imitam Paulo (1Tm 1.5-7; Hb 6.10-12) merecem a honra de representar Cristo para o mundo. **reconcilieis com Deus.** Se esse versículo fosse um apelo somente aos coríntios, então Paulo estava implorando aos membros da igreja visível em Corinto que estavam presos a um sério pecado a se “reconciliarem com Deus”. Teologicamente, essa não é uma interpretação impossível, porque uma reconciliação com Deus renovada é algo que todos os crentes precisam procurar a cada dia em algum sentido (Mt 6.12; 1Jo 1.9). Entretanto, os vs. 16-21 possuem uma amplitude muito maior do que a situação dos coríntios. Eles falam sobre um ministério evangelístico mundial ligado com a obra acabada de redenção de Cristo. Além disso, a palavra “vos” na expressão “rogamos que vos reconcilieis” não está no texto grego, o que torna provável que Paulo estava simplesmente descrevendo o seu apelo evangelístico para todas as pessoas: “vos reconcilieis com Deus”. A reconciliação é a restauração do companheirismo amoroso depois de uma desavença. Veja *Catecismos Maior de Westminster (CM)* 67; *CB* 10,31.

5.21 Cristo não foi realmente corrompido pelo pecado. Em vez disso, Deus como juiz julgou Cristo como sendo culpado pelos nossos pecados, desse modo considerando-o como tendo de ser punido por esses pecados (Is 53.6; 1Pe 2.24). Cristo foi o nosso substituto, tendo carregado o nosso pecado e morrendo em nosso lugar. **fôssemos feitos justiça de Deus.** Deus não somente colocou os nossos pecados sob a responsabilidade de Cristo, mas também contou a perfeita obediência de Cristo como se fosse nossa, para que sejamos considerados como se tivéssemos mantido perfeitamente a lei. Isso fornece a base para a conformação progressiva do nosso caráter moral, dos nossos pensamentos e ações ao padrão da justiça de Deus, até alcançarmos perfeitamente esse padrão quando entrarmos na presença de Deus no céu. Veja *CFW* 11.1; 11.3; *CM* 70,71; *BC* 33; *CH* 15,17,36,38,60.

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 3

O Espírito e a espiritualidade transformadora

Gálatas 5.16-26

5.16 andai no Espírito. O comportamento cristão deve ser controlado pelo Espírito (Rm 8.6-16). *concupiscência*. Forte desejo. *da carne*. O pecado na natureza humana caída.

5.17 a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne. A batalha espiritual experimentada no coração do crente. *para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer*. As palavras ilustram o resultado desta batalha interior (Rm 7.14-25).

5.18 guiados pelo Espírito. Na santificação progressiva. *não estais sob a lei*. Isto é, o guiar do Espírito gera liberdade da maldição da lei (Rm 6.14; 8.1-4).

5.19 as obras da carne. As várias operações do pecado na natureza humana. *Prostituição*. Relações físicas ilícitas (1Co 6.12-18). *impureza*. De tipo sexual (Rm 1.24). *lascívia*. Falta de autocontrole nas questões morais (Rm 13.13; 1Pe 4.3).

5.20 idolatria. Posse de imagens de seres divinos, ou adoração por meio de uma imagem (Êx 20.4-6). *feitiçarias*. Magia envolvendo o uso de drogas (Dt 18.10). *porfias*. Lutas e contendas (1Co 3.3). *ciúmes*. (Tg 3.13-16). *iras*. Acesso de cólera (Ef 4.31). *discórdias*. Ambições egoístas (Fp 2.3-4). *dissensões*. Divisões (1Co 3.4). *facções*. Opiniões obstinadas que levam à formação de seitas (At 24.14; 2Pe 2.1).

5.21 invejas. Sentimentos de desprazer ao ver a prosperidade dos outros. *glutonarias*. Farras e bebedices (Rm 13.13). *e coisas semelhantes a estas*. A lista dada apresenta exemplos característicos, mas não é exaustiva. *Não herdarão o reino de Deus*. Embora nenhum pecador possa entrar no reino de Deus por meio de obras religiosas, certamente ele se excluirá dele por meio de obras más (1Co 6.9-11; Ef 5.5-6).

5.22 o fruto do Espírito. O termo singular denota que o *fruto* do Espírito é um todo indivisível, possuído em graus variados por cada crente. *amor*. O termo significa a forma mais alta de amor — o espiritual (Rm 5.8). *paz*. Serenidade interior e harmonia nos relacionamentos (Rm 5.1; Ef 2.14-15). *longanimidade*. Literalmente, “ânimo prolongado”, indicando a paciência (Ef 4.2). *benignidade*. Gentileza interior (Ef 2.7). *bondade*. Ações externas que visam ajudar a outros.

5.23 mansidão. Humildade e gentileza (2Tm 2.25). *domínio próprio*. Autocontrole (1Co 9.25). *Contra estas coisas não ha lei*. Um encorajamento ao crente para manifestar estas graças.

5.24 de Cristo. Em união com Cristo. *crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências*. A união com Cristo produz morte à carne e às suas obras (2.19; Rm 6.1-3).

5.25 se vivemos no Espírito. A fonte da vida espiritual está no Espírito (Jo 6.63; Rm 8.10). *andemos*. O termo grego (não é o mesmo do v. 16) significa “andar na linha”; assim, ao andar retamente com o Espírito, o crente anda de forma contrária à carne.

5.26 possuir de vanglória. No original indica a ostentação vazia. *provocando*. Literalmente, “evocar”, ou seja, incitar à briga. *tendo inveja*. O termo indica um sentimento de desprazer por ver a prosperidade dos outros.

Bíblia de Estudo Herança Reformada

5.16 andai no Espírito. O Espírito Santo habitando dentro do cristão é um sinal de que somos herdeiros das promessas da aliança dadas a Abraão (3.14; 4.6; 5.5). A presença do Espírito também é um sinal de que no último dia Deus irá declarar o cristão como sendo justo (v. 5; 2Co 1.22; 5.5). Veja *CFW* 19.6.

5.17 carne. Ou “natureza pecaminosa”. Paulo disse em 6.13 que os agitadores da Galácia procuravam circuncidar os gálatas para “se gloriarem na vossa [dos gálatas] carne”. Em 2.16 ele diz que “ninguém será justificado” pelas obras da lei. Paulo usava a palavra “carne” em pelo menos três sentidos. Um primeiro, mais geral, se refere simplesmente à humanidade. Um segundo, mais reduzido, se refere ao aspecto físico da vida humana; e um terceiro, ainda mais restrito, especialmente quando colocado em contraste com o “Espírito”, se refere à natureza humana decaída e pecaminosa, que inclui tanto a mente como a alma. Se os gálatas haviam abandonado a Cristo e colocado a confiança na lei, então estavam retornando à dependência da carne e, desse modo, à maldição da lei. Há tanto esperança como advertência nas palavras de Paulo. O desejo da carne se opõe ao Espírito, mas a capacidade de vida do cristão flui do fato de que o oposto também é verdadeiro: o desejo do Espírito nos liberta da carne e da lei. Veja *CFW* 6.5; 9.4; 13.2; 16.4; 16.5; *CM* 149,195; *BC* 82; *CB* 29; *CH* 127.

5.18-24 Veja *CFW* 16.5; 19.6; *CM* 32,97; *CH* 86.

5.19-21 prostituição... lascívia. Paulo faz uma lista de pecados graves que os legalistas considerariam deploráveis (p. ex., a imoralidade sexual e a idolatria), mas depois diz que, na verdade, os próprios legalistas estão envolvidos em pecados que os fazem morder uns aos outros e devorar-se mutuamente (p. ex., facções e ambições egoístas, cf. v. 15). Veja *CH* 87,106; *CM* 105,139.

5.21 não herdarão o reino de Deus. Paulo emprega essa frase várias vezes em suas cartas (1Co 6.9-10; 15.50; cf. Ef 5.5). A questão principal é que aqueles que não demonstrarem a influência do Espírito na própria vida não terão parte na consumação do reino de Deus que acontecerá quando Cristo retornar.

5.22 fruto do Espírito. Em outras passagens, Paulo utilizou a metáfora da produção agrícola para descrever a conduta dos cristãos (Rm 6.22; Ef 5.9; Fp 1.11). Do mesmo modo, João Batista pregou que o verdadeiro arrependimento produziria “fruto” visível de mudança de comportamento (Mt 3.8; Lc 3.8). O amor produzido pelo Espírito é tal qual o amor de Cristo. Ele vai muito além do desempenho da autojustiça legalista (Lc 10.25-37).

5.24 crucificaram a carne. (Veja 2.20; 6.14; Rm 6.6.) Para o povo de Cristo, a cruz quebrou o jugo da lei da condenação (2.19). Os cristãos devem, pela fé, reconhecer a realidade da nova união com Cristo em sua morte e, além disso, reconhecerem também que foram elevados a uma nova vida no Espírito de Cristo. Logo, devem viver no Espírito (Cl 3.1,3,5). Veja *CFW* 13.1; *CM* 75; *CB* 29.

5.26 Veja *CM* 99,132,148; *Breve Catecismo de Westminster (BC)* 81.

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 4

A espiritualidade segundo a Verdade

Não tendes lido?

2Timóteo 3.14-17

3.15-17 Sagradas letras. O Antigo Testamento, mas pode -se ampliar essa referência ao Novo Testamento, divinamente inspirado. *Inspirada por Deus*. Soprada pelo Espírito de Deus — procedente dela —, que é o Espírito da verdade e que, sem falhar, conduz os autores a toda a verdade (Jo 16.13; 2Pe 1.20-21). (...) *ensino* (...) *repreensão* (...) *correção*. O apóstolo enfeixa esse processo sob o nome *educação na justiça*. (...) *habilitado*. Qualificado.

Bíblia de Estudo Herança Reformada

3.14–16 A responsabilidade de Timóteo. Paulo esclareceu pela segunda vez a responsabilidade de Timóteo em Éfeso (veja 1.12-20).

3.15 como se deve proceder na casa de Deus. Paulo resumiu a sua discussão sobre a conduta na vida da igreja. Havia regras e orientações a serem seguidas (2.1—3.16). **coluna.** Do grego *stylos* — a igreja *sustenta* a verdade. **e baluarte.** Não é apenas sinônimo de *coluna*, pois traduz outra palavra com significado diferente (*hedraioma*). Expressa a ideia de *estabilidade* e *permanência*. A intenção de Paulo era enfatizar, em contraste com os falsos mestres, que a verdade do evangelho é encontrada e sustentada por meio da igreja de Deus (veja a nota sobre 2Tm 2.19). Veja CFW 1.5.

3.16 mistério da piedade. Veja nota sobre 3.9. O que se segue pode ser parte de um antigo hino cristão. **Aquele que foi manifestado na carne.** Uma referência à encarnação, com indicação da preexistência de Cristo. **foi justificado em Espírito.** Uma referência à ressurreição de Cristo (Rm 1.4). **contemplado por anjos.** Uma referência à ascensão (At 1.10-11). **recebido na glória.** Uma referência à exaltação de Cristo na glória. Veja CFW 8.2; CB 18.

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 5

A espiritualidade moldada pela oração

Mateus 6.5-15

6.5 *gostam de orar em pé nas sinagogas.* Deus não condena a oração pública (2Cr 6.13-42; Ne 9; At 4.24-31), mas condena o espírito de exibição e de justiça própria (Lc 18.9).

6.7 As orações não são ouvidas devido ao seu tamanho, mas por serem oferecidas com fé. Há muitos exemplos de orações curtas e eficazes (Êx 32.31-32; 1Rs 3.6-9; 1Cr 4.10; Lc 23.42; At 7.60).

6.9 *assim.* Jesus fornece uma oração modelo aos seus discípulos. *Pai nosso que estás nos céus.* A oração começa se dirigindo a Deus do modo como ele se revelou no evangelho de Cristo (veja a nota no v. 1). *santificado seja o teu nome.* Um pedido para que Deus leve as pessoas a honrá-lo como santo.

6.10 *venha o teu reino.* Um pedido para que o Senhor governe como Rei em graça e glória (veja a nota em 3.2). *faça -se a tua vontade.* Uma petição para que as pessoas obedeçam à vontade de Deus tal como expressa em seus mandamentos (5.19).

6.11 *pão nosso de cada dia.* As necessidades básicas de cada dia. Essa petição enfatiza a completa dependência do homem quanto à providência divina em todas as áreas da vida (v. 25-26; 5.45).

6.12 *perdoa-nos.* Os discípulos se caracterizam por uma confissão contínua de pecados a Deus e por uma dependência quanto à graça de Cristo em perdoá-los (1Jo 1.7,9). *nossas dívidas.* O pecado é uma falha em cumprir nossa obrigação para com Deus, resultando em dívidas enormes com a justiça divina (18.24). *assim como nós temos perdoado aos nossos devedores.* Nossa misericórdia para com os outros não gera nem garante o perdão divino a nós, mas de fato expressa um coração verdadeiramente contrito por seus próprios pecados e grato pela graça divina — marcas de uma pessoa salva e perdoada por Deus.

6.13 *não nos deixes cair em tentação; mas livra -nos do mal.* É um pedido de proteção quanto a situações que exponham nossa fraqueza espiritual (26.41) e também um pedido de resgate do poder do pecado e de Satanás (Sl 19.13; 1Co 10.13).

Bíblia de Estudo Herança Reformada

6.5-6 Veja CFW 16.7; 21.6; CM 113.

6.7 não useis de vãs repetições. Isso não contradiz o princípio de que deveríamos continuar pedindo a Deus pelo que pensamos ser da vontade dele (Lc 18), mas nega a ideia de que Deus se impressiona com a quantidade de palavras bonitas ou eloquentes. As encantações dos gentios o insultam (1Rs 18.26). Até mesmo essa oração (vs. 9-13) não deve usada como um mantra.

6.9-13 Apesar de comumente chamada a “Oração do Senhor”, essa oração deveria ser chamada de a “Oração dos discípulos”. Das suas sete petições, três pedem a Deus que ele glorifique a si próprio e quatro pedem que ele trabalhe na nossa vida. A oração inteira pressupõe total dependência de Deus. Ela é um exemplo perfeito de concisão. Veja CM 186; BC 99; CH 119. **6.9 santificado seja o teu nome.** Santificar é tornar santo ou tratar como santo. Esse pedido diz não somente que as criaturas devem santificar o

nome de Deus, mas também que Deus assegura a santificação do seu nome por ser o santo Juiz e Salvador. Veja *CM* 112,184,189,190; *BC* 54,100,101.

6.10 venha o teu reino. Veja *CM* 191,192; *BC* 102,103.

6.11 de cada dia. A palavra grega traduzida “de cada dia” é única, e a expressão tem sido variavelmente utilizada como “pão nosso de cada dia”, “pão necessário”, “pão futuro”, “o pão do dia seguinte” ou “a alimentação vindoura do reino”. **pão.** Há três entendimentos teológicos básicos a respeito desse “pão”. A visão sacramental é que ele se refere ao pão comunitário, que representa o corpo do Senhor. A visão escatológica é a de que o pão simboliza a vida no reino vindouro, de modo que a petição é uma continuação de “seu reino vindouro” (v. 10). A visão de sustento entende a petição como uma simples procura pela provisão de Deus com relação às nossas necessidades físicas diárias. Essa última visão é, talvez, a mais exata; ela corresponde ao desenvolvimento dos vs. 19-34 (também cf. Pv 30.8). Veja *CFW* 21.6; *CM* 193; *BC* 104.

6.12 dívidas. Refere-se às dívidas espirituais (v. 14-15). Estamos tanto sob a obrigação de fazer a Deus a restituição pelos nossos pecados, como totalmente incapazes, por nós mesmos, de fazer isso. Precisamos perdoar porque fomos perdoados (18.32-33). Se não perdoarmos outros, não podemos pedir o perdão de Deus (v. 14-15). Veja *CFW* 11.5; 21.3; *CM* 194; *BC* 105; *CH* 13.

6.13 não nos deixes cair em tentação. Os pecadores procuram por tentação. Os perdoados fazem essa petição porque eles confiam em Deus e não confiam em si mesmos. O Pai pode provar-nos (4.1; veja também Dt 8.2), mas ele não nos tenta a pecar (Tg 1.13-14) e não permitirá que sejamos tentados além da nossa capacidade para suportar (1Co 10.13). O pedido também aponta para a tentativa final do mal antes de Cristo voltar (24.21; cf. Lc 22.31-32; 2Tm 3.3). Veja *CM* 195,196; *BC* 106,107.

6.14-15 Veja *CFW* 21.3; *CM* 194; *CH* 126.

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 6

A espiritualidade da negação de si mesmo

Lucas 9.21-26

9.21-22 *Advertindo-os.* Admoestando -os rigidamente. *A ninguém declarassem.* A ordem de silêncio de Jesus pretendia impedir as pessoas de pensarem que a glória vem sem sofrimento (24.26). *Filho do Homem. Sofra.* A rejeição de Cristo pelos líderes de Israel, sua morte e sua ressurreição ocorreriam por necessidade divina (*é necessário*), cumprindo o decreto de Deus revelado nas Escrituras.

9.23 *Dia a dia tome a sua cruz.* A crucificação era uma morte escandalosamente vergonhosa. Seguir a Cristo como seus discípulos exige que entreguemos à morte o nosso orgulho e os nossos desejos pecaminosos e experimentamos a rejeição do mundo (Gl 5.24; 6.14). *Siga-me.* A vida cristã é a imitação de Cristo.

9.24-25 *Quem quiser salvar a vida perdê-la -a.* O paradoxo da vida do discípulo. Perder tudo por meio do sofrimento é a maneira de ganhar tudo. E ganhar todas as coisas, como deseja o homem natural, significa perder uma herança eterna.

Bíblia de Estudo Herança Reformada

9.21 advertindo-os. Os discípulos seriam quase que certamente mal compreendidos se tivessem dito isso a qualquer pessoa, pois as pessoas pensariam que estavam proclamando um salvador político. Jesus explicou que o seu papel como Cristo exigiria sofrimento, rejeição e morte.

9.23-25 tome a sua cruz. Significa renunciar às ambições egoístas, implicando a morte de todo um estilo de vida.

9.26 Veja CM 156.

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 7

A espiritualidade vivida na comunhão

Atos 2.42-47

2.42 Perseveravam. Os novos convertidos se dedicaram aos meios públicos da graça em submissão aos líderes santos. *Doutrina dos apóstolos.* Como seu Senhor, eles se dedicaram ao ensino da Palavra (6.4). *Partir do pão.* A Ceia do Senhor, ou simplesmente a comunhão à mesa (v. 46; 20.7,11; 27.35; Mc 8.6; Lc 22.19; 24.30,35; 1Co 10.16). *Orações.* Literalmente “as orações”, provavelmente reuniões de oração em horários fixos. Atos ressalta a importância da oração comunitária (1.14,24; 3.1; 6.4,6; 12.5,12; 13.2-3; 14.23; 16.13,16,25; 20.36; 21.5).

2.43 Prodígios e sinais. Os milagres prometidos como sinais dos últimos dias (v. 9), uma confirmação da mensagem dos apóstolos.

2.44-47 Estes versículos manifestam a unidade que a igreja primitiva gozava por meio de seu Senhor. A venda de propriedades e o compartilhamento de bens eram necessários por causa do grande número de visitantes que vieram para a festa (v. 1,5).

2.46 Refeições. Alimento de qualquer tipo.

2.47 Acrescentava-lhes o Senhor. Cristo é soberano sobre a salvação. Cada conversão e acréscimo no número de membros da igreja são causados por ele (11.21; 13.48).

Bíblia de Estudo Herança Reformada

2.42-47 O surgimento da igreja. Lucas encerra essa seção sobre o derramamento do Espírito com um resumo das práticas da igreja em Jerusalém. Os primeiros seguidores de Cristo foram, até certo ponto, inigualáveis, porém a fidelidade deles permanece como padrão para todos os cristãos quanto ao que a igreja deve ser. Veja CH 54,103,123.

2.42 doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Um resumo dos elementos essenciais do discipulado cristão. São coisas que os apóstolos aprenderam em suas experiências com Jesus: seus ensinamentos sobre si mesmo e sua obra (Mt 16.18-19; Lc 24.46) e a responsabilidade de cada um como seguidor de Cristo (Mt 5-7); a comunhão de Cristo com seus discípulos (Jo 13); o partir do pão, que geralmente inclui a Ceia do Senhor (Mt 26.17-30); e sua vida de oração com e para os discípulos (Mt 6.5-13; Lc 11.1-13; Jo 17). Veja CFW 21.5; 21.6; 26.2; CM 63,108,154,174,175; BC 50,88; CB 35.

2.44-47 Veja CFW 26.2; CM 154,171,175; BC 88.

2.44 Todos os que creram estavam juntos. Isso demonstra a união do Espírito que Paulo pregava (Ef 4.3).

2.45 Vendiam as suas propriedades. Unidos ao Espírito, os cristãos estavam alertas às necessidades físicas dos outros e voluntariamente (4.34; 5.4) contribuíam para satisfazê-las (4.32).

2.46 partiam pão de casa em casa. Refere-se às refeições diárias que eram compartilhadas nos lares. Veja CFW 26.2; CM 175.

2.47 acrescentava-lhes o Senhor. A igreja pertence ao Senhor e ele é o único e soberano construtor de sua igreja (Mt 16.18; 1Co 3.9). Veja CFW 25.2; CB 16.

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 8

Espiritualidade integral

Coram Deo

Colossenses 3.17–4.1

3.17 *fazei-o em nome do Senhor Jesus.* Paulo salienta uma das motivações primárias da vida cristã. Os crentes não devem viver para o louvor ou afirmação dos homens, mas todos os seus feitos e palavras devem ser para Cristo, com um coração agradecido a Deus.

3.18 *como convém no Senhor.* A submissão da esposa ao seu marido é em obediência ao Senhor. Está em concordância com os singulares papéis dados por Deus ao homem e à mulher.

3.19 *Maridos, amai vossa esposa.* A liderança do marido é exercida e demonstrada em seu amor sacrificial e serviço por sua esposa (Ef 5.25). *não a trateis com amargura.* O marido não deve ser áspero com sua esposa.

3.20 *fazê-lo e grato diante do Senhor.* Paulo cita o quinto mandamento, exortando os filhos a obedecerem aos seus pais. Ao fazê-lo, agrada -se a Deus. Os filhos e os pais fazem bem em reconhecer essa estrutura de autoridade. A obediência do filho aos pais é uma obediência a Deus. Deus é a autoridade suprema nessas exortações. O marido está sob a autoridade de Deus, como se evidencia no fato de a submissão da mulher convir ao Senhor e de a obediência dos filhos ser agradável a ele.

3.21 *para que não fiquem desanimados.* Os pais são a autoridade no lar. Contudo, não devem ser dominadores e levar os filhos a ficarem desanimados. Devem estimulá-los, encorajá-los no temor do Senhor.

3.22—4.1 Paulo trata do relacionamento entre senhores e escravos. Os escravos devem trabalhar diligentemente, com o foco singular de agradar a Deus. Os senhores devem tratar seus escravos de forma justa, lembrando que estão debaixo de Deus, o Senhor no céu. Paulo não está justificando a escravidão, mas está ensinando as implicações morais do evangelho quanto aos indivíduos dentro das instituições sociais de sua época. O cristianismo foi a força mais importante no combate à escravidão e sua final abolição.

Bíblia de Estudo Herança Reformada

3.17 E tudo o que fizerdes. Paulo ampliou a sua visão da maneira na qual as instruções deveriam ser dadas na comunidade cristã ao conjunto da vida como a nova humanidade. À luz da supremacia e suficiência de Cristo — um ponto focal nesta carta — todas as coisas devem ser feitas “em nome do Senhor Jesus”, ou seja, sob a sua autoridade e para a sua glória. Além disso, todas as coisas devem ser feitas dando “por ele graças a Deus Pai” porque ele tem dado todas as bênçãos que nós temos em Cristo. Veja CFW 21.2; CM 112,181; CH 99.

3.18—4.6 *Orientação prática.* Após ter fornecido uma orientação para a vida cristã, Paulo se voltou para algumas questões práticas. Suas instruções focalizaram nas autoridades da vida (3.17—4.1), na oração (4.2-4) e nas interações com os não cristãos (4.5-6).

3.18—4.1 *Autoridade e submissão.* A primeira área de interesse prático de Paulo foi a dinâmica dos relacionamentos que envolviam a autoridade. Veja CH 104.

3.18-21 Veja *CH* 104.

3.18-19 (Veja a nota sobre Ef 5.22-23.) Veja *CM* 129.

3.20-21 (Veja as notas sobre Ef 6.1-4.) Veja *CM* 99,130.

3.22—4.1 Servos... Senhores. O tratamento mais amplo do escravo e do livre pode ser devido à questão delicada do retorno de Onésimo, o escravo fugitivo, para o seu dono, Filemom. Onésimo iria junto com Tíquico quando este fosse entregar esta carta aos colossenses, e eles provavelmente também entregariam a carta de Paulo a Filemom. A presença de Onésimo com Tíquico é um vivo exemplo de sutileza, tato e sabedoria que Paulo esperava que fosse exercitado nos relacionamentos de que essa seção trata.

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 9

A essência da espiritualidade cristã

Quem ama cumpre toda a lei

1João 3.11-18

3.12 *Do Maligno.* Filho do diabo. *Assassinou.* Matou violentamente (Gn 4.8). *Porque as suas obras eram mas, e as de seu irmão, justas.* Veja João 3.19-20; 7.7; 15.22,24.

3.13 *Não vos maravilheis.* Não se surpreendam. Veja João 15.18-19; 16.1-4; 17.14.

3.14 O novo nascimento é uma ressurreição espiritual *da morte para a vida* por meio de Cristo (Jo 5.24-26; Ef 2.5), que se evidencia no *amor* que produz (4.7).

3.15 *Todo aquele.* Veja Mateus 5.21-22; Apocalipse 21.8; 22.15.

3.16 *Nisto conhecemos.* Por meio disto viemos a descobrir. *E devemos.* Os cristãos são obrigados a imitar o amor de Cristo (Jo 15.12-13; Ef 4.32—5.2).

3.17 *Recursos deste mundo.* Recursos materiais. *Fechar -lhe o seu coração.* Se recusar a oferecer simpatia e misericórdia de seu coração. *Permanecer nele.* Veja 4.12.

3.18 *De fato.* Com obras. O amor precisa ser mais do que mera fala; ele leva à ação fiel (cf. Tg 2.15-16).

Bíblia de Estudo Herança Reformada

3.11-24 *Amar um ao outro.* Tendo introduzido a ideia de que os filhos de Deus serão puros e justos como Deus o Pai e Cristo, João voltou-se para uma aplicação específica que ele considerava importante para os seus leitores.

3.11 desde o princípio. Provavelmente uma referência ao ministério terreno de Cristo (veja 1.1; 2.7). A lei do amor não foi uma invenção de João. **amemos uns aos outros.** O mandamento de Cristo, reforçado pelo seu próprio dom do amor (Jo 13.34-35).

3.12 Caim. A história do mundo é um relato de ódio que remonta ao conflito arquetípico entre Caim e Abel (Gn 4.1-16). João traçou o ódio de Caim com a radical incompatibilidade de seus motivos com os de Abel (Jo 3.19; 8.37). Essa incompatibilidade existirá sempre entre o mundo e o povo de Deus (v. 13), mas essa animosidade não faz parte do companheirismo entre os cristãos. Sua ausência é uma prova concreta de que os cristãos passaram “da morte para a vida” (v. 14). Porém, se tal animosidade ocorre no companheirismo, isso significa uma rejeição tácita do evangelho de Cristo (v. 11). Veja CM 24,113.

3.14-21 Veja CFW 8.7; 18.1; 18.2; 26.1; 26.2; CM 80,136,141,142; CH 54,87,106.

3.16-17 deu a sua vida. Aqui João revelou uma maneira na qual a encarnação é importante para a vida cristã. Jesus o homem nos amou de tal maneira que deu a vida por nós, aceitando a dor da morte na cruz para que fôssemos salvos da destruição eterna (Jo 10.11-15). O amor dos cristãos uns pelos outros deve ser demonstrado por decisões práticas semelhantes, até mesmo incluindo a disposição de morrer pelo outro. João mencionou a ajuda material como um exemplo menos custoso (v. 17; cf. Tg 1.27).

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 10

Contentamento e espiritualidade

Não se pode servir a dois senhores

Mateus 6.19-24

6.19-20 Contrasta-se aqui *céu* e *terra* como duas esferas de existência. O céu é eterno e incorruptível (1Pe 1.4), enquanto a terra é transitória e corruptível (Hb 1.11).

6.20 *ajuntai para vós outros tesouros no céu*. Viva para o reino eterno (v. 33), obedecendo aos mandamentos de Cristo e tendo fé na promessa divina de galardão (Hb 11.6).

6.22 *olhos forem bons*. Uma figura de linguagem que indica estar focado em uma só coisa, a saber, o Rei do reino.

6.23 *olhos forem maus*. Uma figura de linguagem para uma perspectiva confusa pela cobiça (veja a nota em Pv 23.6).

6.24 *dois senhores*. Assim como o olhar não pode ser desfocado, também o coração não pode ser dividido. Jesus está convocando seus discípulos a uma singular confiança e obediência (Tg 4.8).

Bíblia de Estudo Herança Reformada

6.19 ferrugem. A palavra grega usada aqui se refere não apenas à corrosão do metal, mas também ao mofo, à madeira apodrecida, e coisas semelhantes. Tudo o que é terreno está sujeito à deterioração ou ruína.

6.20-21 Veja CH 80.

6.23 luz. A luz é o que nos permite ver, então a “luz que em ti há” é a luz mediante a qual nós interpretamos o mundo. Se a nossa perspectiva básica do mundo for defeituosa, as nossas percepções serão distorcidas e enganosas sem que percebamos isso.

6.25-34 Veja CFW 12; 14.3; CM 74,136,142; CH 26,121,125.

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 11

Uma espiritualidade para este mundo material

Gênesis 9.1-17

9.1 *Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra.* Uma ordem similar à que o Senhor tinha dado no princípio a Adão (1.28). A salvação começa uma nova criação.

9.3 *Tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento.* Enquanto antes o homem era vegetariano (1.29), agora ele tem permissão para comer carne. Isso pode ser devido às condições mais severas e rigorosas no clima pós-diluviano, que requer consumo de proteína para gerar energia.

9.5-6 *Requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida.* Isso indica o quanto era sério o derramamento de sangue antes do dilúvio. Agora, regras estritas são dadas a respeito da santidade da vida humana. O sangue do homem representa a sua vida. Como só ele é feito à *imagem de Deus*, seu sangue não deve ser derramado levemente. *Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu.* A lei da pena de morte pelo assassinato, a ser administrada pelo homem, nunca foi revogada por Deus (Rm 13.4).

9.9 *Estabeleço a minha aliança convosco, e com a vossa descendência.* Deus tinha feito uma aliança com Noé (6.18). Ela agora é estendida aos seus descendentes. A promessa de não destruir o mundo novamente com outro dilúvio é repetida (8.22; 9.11). O cosmos pós-diluviano será mantido em um ciclo regular e previsível de estações e terminará pelo fogo (2Pe 3.7).

9.13 *Porei nas nuvens o meu arco.* Deus agora traz um sinal de sua misericórdia pactual à nova população humana. O arco-íris que Deus produz é novo, assim vemos que ele confirma que não havia chuva antes do dilúvio (2.5) no sentido de derramamento de água como agora temos.

Bíblia de Estudo Herança Reformada

9.1-7 A ordem repetida “sede fecundos” (vs. 1,7) reitera 1.28-30, mas modifica a lei sobre a alimentação (v. 3) e se concentra na santidade da vida humana (4.1-24). Essa estrutura ordena a multiplicação da vida (vs. 1,7), a proteção da vida humana por meio do controle da violência (v. 2,4-6) e a sustentação da vida (vs. 2-3). Antes do dilúvio, a inexistência da pena de morte levava a vinganças sangrentas (veja cap. 4).

9.1-3 A bênção de Deus para Noé — de que se multiplicaria e dominaria — constitui o sétimo e culminante ato para a renovação do cosmos (veja 28-30; veja 8.1).

9.1 Abençoou. Veja 1.22 e sua nota. Essa é a terceira vez que Deus abençoa os seres humanos (1.28; 5.2) e ordena que sejam fecundos (1.28; v. 7).

9.2 Pavor e medo de vós. Esse termo militar é provavelmente mais forte que “dominai sobre” de 1.28. Os seres humanos temem a Deus; os animais temem aos seres humanos (Is 8.12-13). **nas vossas mãos serão entregues.** A humanidade detém o poder de vida e morte sobre o reino animal.

9.3 Tudo... tudo. Talvez por causa de uma mudança climática, a dieta humana foi expandida. Aqui não é feita distinção entre limpo e impuro (contraste com 7.2), uma situação mais tarde restaurada sob a nova aliança (Mc 7.19; At 10.9-16; 1Tm 4.3-5).

tudo o que se move e vive. Os seres humanos não devem comer cadáveres (Lv 11.40; Dt 14.21) ou sangue (v. 4; Lv 17.10). **alimento.**

9.4 sangue, não comereis. Veja Lv 3.17; 7.27; 19.26; Dt 12.16; 1Sm 14.32-34. Essa lei revela a conexão entre o sangue e a vida (2.7), um conceito básico do sistema sacrificial (Lv 17.11) e da obra expiatória de Cristo (Hb 9.14,22). A regulamentação também protegia a vida contra o abuso desumano.

9.5 requererei. Esse verbo para uma rigorosa retribuição é repetido enfaticamente três vezes. Eles poderiam derramar sangue de um animal para que este servisse de alimento, mas o assassinato seria vingado. O Senhor era o vingador (2Rs 9.26; Sl 9.12; Hb 12.24). O derramamento de sangue humano deixava uma mancha no culpado (Nm 35.33; Sl 106.38) e assegurava a sua reparação pela morte do assassino (v. 6; 1Rs 2.31-32) ou por meio da expiação (Dt 21.7-9). Se essas medidas não fossem tomadas, viria o julgamento do Senhor sobre a terra (Dt 19.13; 2Sm 21; 1Rs 2.9,31-33). **de todo animal.** Por exemplo, veja Êx 21.28-29. **próximo.** A palavra hebraica usada aqui é traduzida como “irmão” em 4.8-11. Essa legislação foi criada para coibir a violência que se iniciou nos dias de Caim e Abel. Naquele tempo Deus protegeu o assassino (4.15), mas aqui ele condenou os assassinos à execução.

9.6 pelo homem. Veja a nota sobre o v. 5. Ao dar aos seres humanos essa autoridade judicial, Deus mostra que estes estão no lugar dele como dominadores (1.26) e prepara a base para o governo pelo estado (Rm 13.1-7). A punição rigorosa é uma obrigação social, não uma questão pessoal. Desde então, a sociedade tem se apoiado num padrão moral mais seguro. **imagem.** Apesar de sua corrupção, os seres humanos permanecem como portadores da imagem de Deus (veja a nota sobre 1.26). Essa é a razão pela qual o sangue derramado pelo assassinato, em contraste com o sangue animal, deveria ser vingado. Veja CM 136; BC 69; CH 105.

9.9 estabeleço. Deus, unilateralmente, assumiu a responsabilidade total de preservar a terra e toda a sua ecologia para sempre, para sustentar a raça humana (8.20-22). A aliança confirmou o preexistente relacionamento de Deus com todas as criaturas quando ele as abençoou na época em que foram criados. Em 6.18, a aliança era exclusivamente com Noé; agora era estendida aos seus descendentes pela graça e a todos os “seres vivos” (v. 10). **aliança.**

9.12 sinal. O sinal do arco-íris emoldura os vs. 12-17. Em geral, as alianças eram confirmadas por alguns símbolos visuais que frequentemente já existiam: a circuncisão na aliança com Abraão (17.11), o sábado na aliança com Moisés (Êx 31.13,17) e o cálice na aliança com Cristo (Lc 22.20). A aliança com Davi não requeria nenhum símbolo, uma vez que a sua descendência era um símbolo visível (2Sm 7.11-16).

9.13 arco. Traduzido literalmente. O arco era uma arma de guerra e um instrumento de caça. Assim como os raios são as setas do Senhor (Sl 18.14), ele também tem um arco de guerra. Aqui o arco do guerreiro está pendurado, apontado para longe da terra; um sinal de paz. O arco em repouso se estende da terra ao céu e de horizonte a horizonte, lembrando Deus do seu compromisso da aliança. Veja CB 33.

9.16 ve-lo-ei. Contraste com 6.12. O Deus transcendente, que se humilha para se envolver com as pessoas, escolhe deliberadamente levar em consideração essa visão colorida em vez da maldade humana (veja 6.12). **eterna.** A palavra hebraica pode ser determinada pelo seu contexto, nesse caso por “enquanto durar a terra” (8.22).

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 12

Espiritualidade e identidade

Quem somos nós?

Gálatas 3.26-29

3.27 batizados em Cristo. Termo simbólico que denota a união com Cristo, que é retratada no batismo (Rm 6.3-4; 1Co 12.12-13). *revestistes*. O grego indica ser vestido (Rm 13.12,14; Ef 4.24; 6.11,14; Cl 3.10,12; 1Ts 5.8). Assim, é usado metaforicamente aqui para ser unido com Cristo e recoberto com o mérito justo dele.

3.28 todos vós sois um em Cristo Jesus. A união com Cristo cria igualdade espiritual entre os crentes (Cl 3.11).

3.29 descendentes de Abraão. Todos os que estão em união com Cristo são a descendência espiritual de Abraão. *herdeiros*. Aqueles que obtêm um lote ou uma porção (v. 18). *segundo a promessa*. Do evangelho.

Bíblia de Estudo Herança Reformada

3.26-27 Pois todos vós sois filhos de Deus. Somos “filhos” porque fomos unidos ao único Filho, Jesus Cristo. O batismo selou a nossa união com Cristo, uma união vital na qual Cristo vive em nós (2.20). Também é uma união representativa na qual Cristo morreu e vive por nós (Rm 6.5-11). Estar revestido de Cristo implica ambas as ideias: sua justiça é a nossa roupa, e nele somos nova criatura (Rm 13.14; Cl 3.10; Ef 4.24). Veja CFW 28.1; 28.6; CM 162,165,167,17; BC 94; CB 34; CH 67,73.

3.28 porque todos vós sois um em Cristo Jesus. O muro da separação entre judeus e gentios é retirado para aqueles que estão unidos com Cristo; todos são descendência de Abraão (Ef 2.14-16; Cl 3.11). De fato, nenhuma distinção humana serve como vantagem em termos de salvação. Paulo não elimina completamente essas distinções (cf. 1Co 11.3; 14.34; Ef 5.23-33; 1Tm 2.11-14), mas indica que elas não concedem nenhuma condição preferencial com respeito a herdar as bênçãos da aliança.

Bíblia de Estudo de Genebra

Lição 13

Espiritualidade e poder

Um reino que não é deste mundo

João 18.33-40

18.33-37 *És tu o rei.* A resposta de Jesus não podia ser um simples sim ou não. Seu reino não é político (*não é deste mundo*), mas espiritual (3.3-6; Rm 14.17), pois ele reina sobre seus súditos não por meio de força coerciva, mas por meio de sua fé (*ouve a minha voz*) em sua palavra (*dar testemunho da verdade*). Ele não era um revolucionário político violento.

18.38 *Crime algum.* Pilatos testificou publicamente que Jesus era inocente (19.6).

18.40 *Barrabás.* Um rebelde culpado de crimes múltiplos, inclusive assassinato (Mc 15.7).

Bíblia de Estudo Herança Reformada

18.33 *És tu o rei dos judeus?* Uma pergunta baseada nas acusações registradas em Lc 23.2.

18.34 *Vem de ti mesmo...?* Era importante fazer essa distinção, pois a resposta seria diferente dependendo do sentido da pergunta. Jesus não era o rei dos judeus no sentido de que promovia revolta contra Roma, de acordo com as acusações dos líderes judeus (Lc 23.2), mas era, de fato, o Rei dos judeus no sentido messiânico (Mt 2.2; Lc 1.32-33; 19.38; Jo 12.13).

18.35 *Porventura sou judeu?* Pilatos demonstra certa irritação diante de uma resposta que lhe parece evasiva. Observe que ele não respondeu à pergunta de Jesus: a acusação não havia sido uma ideia sua.

18.36 *O meu reino não é deste mundo.* Jesus é, de fato, Rei, mas nesse momento, não fez nenhum esforço para estabelecer o seu reino mediante uma demonstração de poder físico. Essa inexplicável resposta por parte do acusado era totalmente enigmática para Pilatos. Veja CFW 31.5; CH 20.

18.37 *tu és rei?... Tu dizes que sou rei.* A pergunta de Pilatos dá ocasião para a resposta maravilhosa de Jesus, cuja missão e reino estão profundamente relacionados à verdade (1.14,17; 8.32; 14.6). Veja *Confissão Belga (CB)* 29.

18.38 *Que é a verdade?* A verdade não importa para aqueles que, como Pilatos, são motivados pela conveniência. Do mesmo modo, a verdade não importa para os céticos que perderam a esperança de obtê-la. No entanto, a resposta de Jesus deixa claro que ele não era um rebelde político que deveria ser executado pelo poder romano. **Eu não acho nele crime algum.** Pilatos constatou que Jesus não havia cometido nenhum crime (veja também 19.4,6). Os atos do governador romano deixam clara a sua relutância em executar Jesus. Pilatos procurou libertar Jesus (v. 39; 19.12) e ordenou que ele fosse açoitado (19.1), na esperança de libertá-lo após satisfazer o desejo da multidão de castigá-lo. Por ironia, a autoridade romana queria libertar Jesus, ao passo que “os seus” (1.11) clamavam para que ele fosse morto. Em termos teológicos, Pilatos tinha a função irônica de declarar a inocência de Jesus. Assim, Jesus morreu como homem absolutamente inculpável e sem pecado, tendo oferecido a si mesmo como o Cordeiro Pascal sem mácula ou defeito. Veja CB 21.

18.39 *É costume entre vós.* A prática de poupar um criminoso na época da Páscoa é um simbolismo da própria festa, que comemorava o fato de Deus ter poupado os israelitas da morte (o termo hebraico para “Páscoa” provavelmente está relacionado a

uma raiz que, por vezes, significa “poupar”). Jesus deveria ter sido poupado, pois era inocente, mas os judeus optaram por libertar Barrabás. Do mesmo modo, é muito importante compreender que os pecadores arrependidos são poupados eternamente da ira justa de Deus porque Jesus sofreu sobre si o castigo dessa ira em nosso lugar.

18.40 Barrabás. Seu nome significa “filho do pai”. Jesus, o verdadeiro Filho do Pai, morreu no lugar desse criminoso.

Bíblia de Estudo de Genebra